



A CONSTRUÇÃO DA MULHER SOB A ÓTICA DE LIMA BARRETO NA REVISTA A.B.C.

Henrique Sergio Silva Corrêa¹

O escritor carioca Afonso Henriques de Lima Barreto (1881-1922) produziu muito em seus 41 anos de vida. Sua obra ficcional, bastante reconhecida e estudada, é composta por romances, sátiras e contos. A produção jornalística vem sendo pesquisada com profundidade nas últimas décadas e é formada por volumoso número de artigos, críticas e crônicas que o autor escreveu para periódicos do Rio de Janeiro e de São Paulo, como *Gazeta de Notícias*, *Careta*, *A Lanterna*, *A.B.C.*, e outros. Uma das possibilidades de análise dos textos de Lima Barreto surgida nos últimos tempos é verificar como as relações de gênero são trabalhadas em seus textos. A abordagem barretiana das mulheres e do movimento feminista é o foco deste trabalho, que tenta, sobretudo, mostrar a coerência do autor de *Recordações do escrivo Isaiás Caminha* com relação aos seus ideais.

No hebdomadário *A.B.C.*, cujo surgimento se dá em 1915 e o desaparecimento no início da década de 30, Lima Barreto publica em formato de folhetim grande parte da sátira *Os Bruzundangas*, além de crônicas, críticas literárias, artigos e contos. A revista, que dava maior espaço à política e às questões sociais, possibilitava a veiculação de textos influenciados pelas diversas tendências políticas existentes no período. De acordo com a linha editorial, Lima escreve suas colaborações, propõe reformas sociais, condena os abusos dos políticos da República, ataca a violência policial. E, em meio a outros assuntos, defende a mulher reificada, a vítima do uxoricídio, combate a sociedade burguesa e os privilégios da elite. É da mesma forma que censura os esquemas do feminismo burocrático com a classe dirigente.

Os textos que se relacionam de forma mais direta com as questões ligadas à mulher publicados no periódico *A.B.C.* são impressos em 1918, 1920 e 1922. Em 1918, Lima Barreto escreve sobre o casamento, o divórcio, o crime passional, a inconstitucionalidade que havia no fato de uma mulher ocupar cargo público no Itamarati. No ano de 1920, a escrita de Lima recai sobre o movimento feminista e os assassinatos perpetrados pelos maridos sobre as mulheres. Já no ano de sua morte, 1922, volta a falar do movimento feminista e da situação ilegal da mulher ao ocupar certos cargos públicos.

A bibliografia sobre o tema ainda é pequena, apesar de estar em movimento crescente. Grande parte do que vem sendo produzido tem por fim reavaliar a visão que se tinha da opinião de

¹ Mestrando em Literatura, UNESP-Assis. Agência financiadora FAPESP. hxcx1984@riseup.net.



Lima Barreto sobre as mulheres e o movimento feminista. Depreende-se da leitura dos estudos recentes que anteriormente Lima Barreto era tido como antifeminista, e, até mesmo, machista. Carlos Fantinati contesta a incoerência que Barreto supostamente apresenta ao escrever sobre o sexo feminino – visto que o escritor defende as vítimas da violência masculina e censura as feministas. Também questiona a incapacidade do ficcionista em criar personagens femininas densas. Fantinati apresenta a concepção de mulher para o autor de *Clara dos Anjos* e a aplica às crônicas, contos e romances.²

“Gênero e política em Lima Barreto”, artigo de Magali Gouveia Engel, elenca contribuições do escritor para o debate sobre o poder nas relações de gênero. Em seu trabalho, Engel consegue identificar uma fisionomia social bem definida para o termo “mulheres”, empregado de forma generalizante por Lima Barreto; seriam “as moças que estudaram no Colégio Sion”, em outras palavras, moças da elite, filhas dos figurões da República. A autora aponta a diferenciação efetuada por Lima Barreto entre as representantes do feminismo e a liderança desse movimento. Aproxima ainda as posições limianas das adotadas por Maria Lacerda de Moura e por Pagu ao questionar os “padrões que norteavam as relações de gênero na sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX”.³

Outro artigo importante para esse estudo é o de Eliane Vasconcellos, “Lima Barreto: misógino ou feminista?”, que enfatiza as opiniões de Lima acerca do feminismo e do uxoricídio. Em seu texto, que abarca apenas as atividades como cronista, Vasconcellos justifica as ambigüidades dos textos do escritor, no que concerne às mulheres, devido ao período histórico do cronista, à duplicidade real/ficcional (característico do gênero “crônica”), à oscilação da mulher naquele momento, e às características antigas e modernas presentes no escritor.⁴ A mesma Vasconcellos escreveu outra obra, de maior fôlego, importante ao tema, *Entre a agulha e a caneta*, na qual se detêm sobre toda a produção barretiana, a qual relaciona às temáticas do casamento, divórcio, adultério, profissionalização, prostituição e feminismo.⁵

² FANTINATI, Carlos Erivany. Lima Barreto e a mulher. *Literatura e autoritarismo*, n. 12, Julho-Dezembro 2008. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num12/art_08.php>. Acesso em: 30 Junho 2010.

³ ENGEL, Magali Gouveia. Gênero e política em Lima Barreto. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 32, Junho 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 Junho 2010.

⁴ VASCONCELLOS, Eliane. Lima Barreto: misógino ou feminista? Uma leitura de suas crônicas. In: CANDIDO, Antonio e outros. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: FCRB, 1992. p. 255-69.

⁵ *Idem*, *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.



Há ainda estudos de Maria Cristina Teixeira Machado⁶ e Maria Zilda Ferreira Cury⁷ que dão espaço ao debate da questão.

A colaboração para o *A.B.C.* começa em fins de 1916 com a crônica “O ideal do Bel-Ami”.⁸ Em 1917, além dos capítulos da sátira *Os Bruzundangas*, Lima Barreto escreve dois textos alheios ao tema: “Mais uma” e “Carta fechada – Meu maravilhoso senhor Zé Rufino”. Com exceção de alguns trechos de *Os Bruzundangas*, é apenas no ano de 1918 que se pode encontrar a temática da mulher como motivadora de textos de sua produção para a revista.

No número 182 do semanário, de 31/8/1918, é publicada a crônica “Como budistas...”,⁹ na qual Lima Barreto afirma que “[...] a mulher é um consolo e um conforto para os nossos vícios e as nossas desgraças”.¹⁰ A função do sexo feminino como suporte, como apoio, ao homem, é característica da mulher ideal barretiana; conceito analisado por Vasconcellos¹¹ e, junto ao homem ideal, por Fantinati.¹²

Da idéia de mulher ideal para Barreto, passa-se à do casamento. Como o casamento era encarado pelo escritor e como ele era visto pela sociedade da época? “Entre os dois só deve haver a máxima lealdade. Todos os dois devem entrar na sociedade conjugal com a máxima boa vontade e admiração um pelo outro. O que não pode continuar, é que se faça da mulher escada para subir”.¹³ Essa é a visão de Lima Barreto sobre o casamento, uma união sem interesses escusos. Em toda sua obra, o autor condena a união conjugal vista como negócio, o casamento como forma de ascender socialmente, o que constituía prática corrente na época¹⁴: “A mulher não é instrumento de ambição [...]”.¹⁵ “No ajuste de contas...”,¹⁶ seu manifesto maximalista publicado em 11/5/1918, expõe uma série de reformas propostas pelo autor para o início de uma revolução brasileira. Sob inspiração da Revolução Russa escreve o artigo propondo, dentre outras coisas, a reforma radical do casamento. Vista como uma medida social, essa ação faria com que o Estado só interviesse para processar

⁶ MACHADO, Maria Cristina Teixeira. Mulheres. In: _____. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Ed. da UFG; São Paulo: Edusp, 2002. p. 125-35.

⁷ CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino do Jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981.

⁸ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Toda crônica: Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. I. p. 265.

⁹ *Idem, ibidem*, p. 383-4.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 384.

¹¹ VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999. p. 96.

¹² FANTINATI, Carlos Erivany. *op. cit.*

¹³ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *op. cit.* p. 383.

¹⁴ Para maiores informações sobre a tradição do casamento na época de Lima Barreto, ver VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta*. In: *op. cit.* p. 31-117.

¹⁵ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *op. cit.* p. 384.

¹⁶ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *op. cit.* p. 336-43.



irregularidades na união, como a bigamia.¹⁷ “Suprimiria toda essa palhaçada de pretoria ou juizado de paz”¹⁸, é o que diz Barreto. Segundo o escritor: “Não haveria nunca comunhão de bens; a mulher poderia soberanamente dispor dos seus”.¹⁹ A propriedade nunca pertencia à mulher, o dote passava sempre do pai para o marido²⁰, Lima propõe que a mulher tome posse de suas propriedades. Quanto ao divórcio, este “seria completo e podia ser requerido por um dos cônjuges e sempre decretado, mesmo que o motivo alegado fosse o amor de um deles por terceiro ou terceira”.²¹

Fica evidente que as posturas assumidas por Lima Barreto para atacar o casamento como negócio, defender as posses da mulher e o direito ao divórcio, são revolucionárias, levando-se em conta o momento em que são veiculadas. Ao mesmo tempo em que assegura direitos ao sexo feminino, combate sua reificação, visto que as mulheres eram tidas quase como propriedades. Não pode ser esquecida a simpatia com que Lima via o anarquismo; participando de periódicos dessa tendência, defendendo militantes do movimento brasileiro, mencionando autores anarquistas como Kropotkin e Reclus em seus textos. Possuía diversos livros dessa filosofia²² e era assinante de jornais libertários²³. Possivelmente, sua visão sobre casamento e divórcio tenha tido influxos do pensamento anarquista veiculado nos livros e jornais do momento.

O casamento como era visto pela sociedade e o subsequente adultério, que para Lima Barreto era causado pela desilusão com o cônjuge, incorriam em crimes passionais. Volto à crônica “Como budistas...” que fala de um assassinato ocorrido em São Paulo. “O que me absorve agora o pensamento é este caso dessa *pobre moça* que matou o marido em São Paulo. É essa moça que, como todas as moças, não tem experiência da vida e são levadas a julgá-la da maneira mais infame que os charlatães a receitam”.²⁴ No início do trecho citado, é perceptível a tentativa de atenuar o crime cometido pela esposa, como forma de defendê-la da opinião pública. Depois, o autor retrata a ignorância na qual eram mantidas as mulheres, educadas para manterem-se presas ao lar antes do casamento. Após o matrimônio se dava a mesma situação, mas com algumas regalias.²⁵ Desta forma, a mulher estava atada a casa, sem possibilidade de ver e conhecer o mundo exterior e via no casamento uma ilusão de liberdade. Parece ser esse tipo de educação a que Lima se refere quando

¹⁷ No mesmo artigo, Lima Barreto afirma ser favorável a todas as formas de casamento (monogamia, poligamia, poliandria), mas transigiria se fosse governo.

¹⁸ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *op. cit.* p. 341.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 342.

²⁰ VASCONCELLOS, Eliane. *op. cit.* p. 112.

²¹ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *op. cit.* p. 342.

²² BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. p. 375-402.

²³ *Idem, ibidem*, p. 268.

²⁴ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *op. cit.* p. 383, grifo nosso.

²⁵ VASCONCELLOS, Eliane. *op. cit.* p. 40-1.



fala da falta de “experiência da vida”, e denomina “charlatães” aos principais responsáveis por essa formação.

No mesmo texto, o autor culpa o “mútuo engano” pelo assassinato, denunciando a forma na qual os casamentos eram arquitetados – união da crença no título de “doutor” com o poder do dinheiro. “Essa moça não se casaria com esse moço, se não o visse armado de um “anel”; ela não daria seu corpo se a ambiência social não dissesse que, com a tal carta, ele valia muitas cousas”. E prossegue: “E ele não iria procurá-la, se não estivesse armado do que a bobagem dos jornais chama “pergaminho”. ”²⁶ “Houve um mútuo engano. Ele procurou enganar a mulher com o título que o Belisário Pena diz ser científico; ela procurou enganá-lo com aquilo com que os homens enriquecem”.²⁷ Estrategicamente, Barreto une o ataque à relevância do status do “doutor” ao nome de Pena, sanitarista e um dos introdutores da eugenia no Brasil, para desqualificar o título. Lima Barreto também se batia contra a eugenia e tentava mostrar o ridículo nessa “ciência”, assim como tratava de expor a bobagem na superstição do título. “O que eu não posso compreender, é que um homem ambicioso transforme a sua mulher, o seu maior amigo, a sua própria filha, em instrumento da sua ambição”.²⁸

No caso de São Paulo, a mulher assassinou o marido, mas o mais usual era o homem tirar a vida da esposa, adúltera ou não, com a desculpa de lavar a honra. No ano de 1920, o cronista volta sua pena para a condenação do uxoricídio ocorrido na Rua da Lapa. Em “Mais uma vez”²⁹, vai além e ataca a opinião pública, que perdoava e, de certa forma, exigia o crime. “Na nossa hipócrita sociedade, parece estabelecido como direito, e mesmo como dever do marido, o perpetrá-lo”.³⁰ Lembra, o escritor, que quando uma prostituta espanhola havia sido assassinada pelo marido, seu cafetão, no exterior do necrotério colegas de profissão da vítima a censuravam e diziam que fariam o mesmo se fossem homens: “Não havia uma que tivesse compaixão da sua colega da aristocrática classe. Todas elas tinham objurgatórias terríveis, condenando-a, julgando o seu assassinio coisa bem-feita; e, se fossem homens, diziam, fariam o mesmo”.³¹ Censuravam a espanhola, pois supunham que ela fosse adúltera.³² Esse sentimento, essa atitude, era observado em todas as camadas da sociedade. Barreto certificou-se disso quando foi jurado, e alguns de seus colegas, oriundos da camada elevada da sociedade, condenavam, da mesma forma que as prostitutas, a

²⁶ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *op. cit.* p. 383.

²⁷ *Idem, ibidem, loc. cit.*

²⁸ *Idem, ibidem, p. 383-4.*

²⁹ *Idem, Toda crônica: Lima Barreto.* Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. II. p. 251-3

³⁰ *Idem, ibidem, p. 251.*

³¹ *Idem, ibidem, loc. cit.*

³² *Idem, ibidem, p. 252.*



vítima do crime. Além de manifestar seu arrependimento por ter absolvido um uxoricida em ocasião anterior, quando gostaria de condenar o criminoso para demonstrar que desaprovava o ato bárbaro, o autor investe contra os advogados do assassino do caso contemporâneo à crônica, que tentavam explorar a opinião pública com o objetivo de perdoá-lo. Para isso, os defensores do assassino tentavam colocar em questão a conduta da mulher, colocando nela a culpa por um adultério que o próprio marido não havia mencionado. Um dos advogados era Evaristo de Moraes, socialista e defensor de operários condenados pelo Estado por participação em greves como as de 1917, de São Paulo, e 1918, no Rio de Janeiro. Lima Barreto não conseguia entender como Evaristo podia endossar tal atitude. Para o autor, o protagonista do crime foi o “julgamento da nossa atroz sociedade burguesa”.³³

“Se a cousa continuar assim, em breve, de lei costumeira, passará a lei escrita e retrogradamos às usanças selvagens que queimavam e enterravam vivas as adúlteras”.³⁴ Aqui, Lima Barreto toca num ponto grave, o que poderia vir a acontecer se a opinião pública e a justiça continuassem a condenar as vítimas do crime e livrar os assassinos. Nesta crítica, sobrou para as feministas, que não falavam nada sobre essa violência contra as mulheres e sobre a opinião pública que as condenavam. “A meu ver, não há degradação maior para a mulher do que semelhante opinião quase geral”.³⁵

Outro tema comentado por Lima Barreto no *A.B.C.* foi a profissionalização da mulher. Em 8/6/1918, é publicada a crônica “Tenho esperança que...”.³⁶ Lima defende a criação de vagas para que as mulheres pudessem trabalhar como professoras, quantas quisessem instrução para seguir essa profissão. Propõe um processo de escolha para a nomeação como professoras da municipalidade. As preteridas poderiam procurar o professorado profissional ou utilizar a instrução adquirida em seu próprio lar, como mãe. Como a mãe de Lima Barreto, que era professora e ensinou as primeiras letras ao escritor. Amália Augusta, mãe do autor, morreu quando Lima possuía seis anos.³⁷ O governo federal não dava suporte às mulheres que aspiravam desempenhar essa profissão e não atuava como a constituição exigia, não havia estabelecimento público de ensino secundário para moças. O cronista elogia a abnegação da profissão e a vontade das mulheres em segui-la, e tenta, com o texto, suscitar o debate em torno do assunto.

³³ *Idem, ibidem*, p. 253.

³⁴ *Idem, ibidem, loc. cit.*

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 252.

³⁶ *Idem, Toda crônica*: Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. I. p. 355-9.

³⁷ BARBOSA, Francisco de Assis. *op. cit.* p. 50



Se, por um lado, defendia a mulher como professora profissional, por outro, criticava as que buscavam entrar no funcionalismo público passando por cima das leis. Sobre esse tópico escreve dois textos. O primeiro, “A amanuense”³⁸, em 5/10/1918, começa com um título irônico. O vocábulo “amanuense” não existe, e o escritor grafa a palavra dessa maneira para pôr em ridículo o acesso ilegal das mulheres ao serviço público. Nilo Peçanha, quem possibilitou a nomeação de uma mulher para o cargo de amanuense no Itamarati, é tratado com certa ironia: “Nos lugares que o Senhor Nilo tem ocupado, e há de ocupar, o exigido é muita ponderação. [...] O nosso atual ministro do Exterior, entretanto, que tem disputado tais cargos, não pode ir para eles com idéias de botequim”.³⁹ Para argumentar lança mão do discurso sociológico e cita Spencer para falar da inaptidão das mulheres para ocupar cargos públicos, destinados aos homens, e que se os ocupar poderia prejudicar a “regularidade da reprodução da nossa raça”.⁴⁰ Afora essa visão, hoje, um tanto equivocada, o que chama a atenção na crônica é o perfil traçado pelo autor da funcionária pública, que suscita o questionamento de que mulher seria essa.

Não é bastante que uma moça papagueie francês ou alemão para ser melhor funcionário que um rapaz. A inteligência da moça é, em geral, reprodutora, portanto muito própria para esse estudo de línguas muito do gosto das repartições catitas, como o Itamarati; mas nunca é capaz de iniciativa, de combinação de imagens, dados concretos e abstratos que definam a verdadeira inteligência.⁴¹

A mesma questão já havia sido formulada por Engel.⁴² Presume-se que Lima Barreto queria referir-se às moças ricas que tiveram acesso ao ensino de francês e alemão. A opinião barretiana sobre a falta de criatividade pode ser justificada pela própria educação feminina que a condicionava a ser apenas reprodutora. Ainda soma à sua opinião o desempenho da candidata selecionada que havia se saído mal nas provas de aritmética e de direito constitucional – o último seria imprescindível para uma secretaria de Estado.

Não se trata simplesmente de opor-se ao acesso da mulher ao funcionalismo público, e sim de questionar a validade de tal acesso. Como ele se dava? De forma inconstitucional, burlando as leis, agindo conforme as arbitrariedades dos políticos republicanos, entrando no jogo político.⁴³ Lima já afirmara dois meses antes, aproximadamente, que a política brasileira tinha “por fim fazer a vida incômoda e os povos infelizes; e os seus partidos têm por programa um único: não fazer nada

³⁸ BARRETO, Afonso Henriques de Lima, *op. cit.*, p. 388-9.

³⁹ *Idem, ibidem.* p. 388.

⁴⁰ *Idem, ibidem.* p. 389.

⁴¹ *Idem, ibidem. loc. cit.*

⁴² ENGEL, Magali Gouveia. *op. cit.*

⁴³ BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Toda crônica*: Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. II. p. 493.



de útil”.⁴⁴ A aliança com essa política contrariava o escritor. Dois anos depois, ao criticar o silêncio das feministas quanto ao uxoricídio, fala das “engraçadas feministas do Brasil, gênero professora Daltro, que querem a emancipação da mulher unicamente para exercer sinecuras do governo e rendosos cargos políticos”.⁴⁵ A que preço conseguiam, as feministas, esses cargos? Quem eram essas feministas?

Outros dois anos passam até que Lima Barreto trate novamente deste polêmico tema. Em 12/8/1922, três meses antes da sua morte, publica “O nosso feminismo”.⁴⁶ Segundo Barreto: “Questões que interessam os altos destinos, não só da Nação, mas da própria Humanidade, são resolvidas escuramente nos gabinetes de obsoletos “consultores” cuja mentalidade, se não é guiada pelo interesse, as mais das vezes o é pelo esnobismo de parecerem modernos”.⁴⁷ Retoma, desta forma, os argumentos da crônica “A amanuensa”, de 1918. Adiciona aqui a forma com que eram tratadas essas questões. Remetendo ao título do texto, percebe-se o que pretende o cronista, expor a tática daquele feminismo, “nosso”. O texto constrói-se em cima do parecer do jurista Rodrigo Otávio “sobre o direito que têm as mulheres de exercer cargos públicos”.⁴⁸ Quanto à legalidade da mulher nos cargos públicos, Lima afirma que há muito as mulheres podem ocupar empregos públicos nos telégrafos, correios e magistério. Discutindo esse tópico, Lima aborda o fato de que a mulher, perante a constituição, seria

Mais ou menos equivalente ao louco, ao menor, ao interdito. Está sempre debaixo da tutela e proteção de quem ela carece irremediavelmente. Quando se promulgou a Constituição de 24 de fevereiro, foi com esse espírito que se disse que os cargos públicos eram acessíveis a todos os brasileiros: mas “brasileiros” aí são homens, conforme o espírito da época.⁴⁹

“Não me move nenhum ódio às mulheres, mesmo porque não tenho fome de carne branca”.⁵⁰ Retrata aqui o tipo de mulher feminista que tenta aceder aos cargos públicos, e dá continuidade mostrando ser favorável à emancipação da mulher, desde que debatida abertamente:

Mas o que quero é que essa coisa de emancipação da mulher se faça claramente, após um debate livre, e não clandestinamente, por meio de pareceres de consultores e auditores, acompanhados com os berreiros de Dona Berta e os escândalos de Dona Daltro. É preciso que isso se faça claramente, às escâncaras.⁵¹

Outro tópico questionado por Lima Barreto no parecer do jurista Otávio é o que menciona um alvará do Regente Dom João. Lima lembra a diferença entre o regime monárquico e o

⁴⁴ *Idem, Toda crônica*: Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. I. p. 358.

⁴⁵ *Idem, Toda crônica*: Lima Barreto. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. II. p. 252.

⁴⁶ *Idem, ibidem*, p. 544-5.

⁴⁷ *Idem, ibidem*, p. 544.

⁴⁸ *Idem, ibidem, loc. cit.*

⁴⁹ *Idem, ibidem*, p. 544-5.

⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 545.

⁵¹ *Idem, ibidem, loc. cit.*



republicano, destacando que os cargos públicos na República são acessíveis mediante as condições estabelecidas pela Lei. No período monárquico, D. João VI poderia conceder cargos públicos a quem quisesse, os políticos do período republicano não poderiam praticar semelhante atitude.

Assim como criticava o silêncio das feministas frente ao uxoricídio, e a atitude delas em tentar assegurar empregos públicos para determinadas mulheres, Lima Barreto não deixou de representar o movimento e suas líderes com ironia mordaz, no período de surgimento do movimento brasileiro. Em crônica recheada de ironia e com paródias às seções mundanas dos jornais, datada de 27/3/1920, “Legião da Mulher Brasileira”⁵², fala sobre a fundação da organização de mesmo nome, um dos quatro grupos que compunham o feminismo brasileiro, para Lima. É com ironia que fala da participação de homens para conduzir a sessão solene e da presença da igreja católica, representada por dois padres. Com o mesmo tom cômico fala da escolha da presidente de honra da legião: Mary de Saião Pessoa, esposa do presidente da República da época (Epitácio Pessoa), eleita pela graça do Espírito Santo, que como a igreja católica, estava presente. Aborda também o tumulto causado pelas mulheres que professavam outras religiões, quando certo padre encetou uma prédica católica.

A Liga pela Emancipação da Mulher Brasileira teve tratamento semelhante, senão pior. Na crônica “O feminismo invasor”⁵³, de 21/1/1922, Lima Barreto cria a alegoria à organização liderada por Bertha Lutz. A Liga pela Manumissão da Mulher Branca, chefiada por Adalberto Luz, e composta apenas por ela mesma. O termo “manumissão” põe em questão o caráter desse movimento, já que manumitir é uma ação executada de cima para baixo, como o senhor alforriando seu escravo. “Mulher Branca” aponta para as participantes desse movimento feminista de mulheres brancas e burguesas, que pouco tinham em comum com as mulheres proletárias, estas sim, de todas as cores. O autor parece recriar, na crônica, a forma autoritária com que Lutz comandava sua liga.⁵⁴ Em tom de galhofa, ridiculariza as conquistas da liga, relacionadas apenas ao vestuário, ao combate às “rivais” e à liberdade de se pendurar nos bondes; e o voto feminino, uma das principais reivindicações do movimento, que seria aprovado, mas que para isso seria necessário organizar capangagem própria e fundar um jornal de combate (abordando moda, vestidos e culinária).

O que se buscou com este trabalho foi apontar na produção de Lima Barreto para a revista *A.B.C.*, periódico de debate principalmente político, diversas características que mostrassem como o escritor abordou questões de gênero e o papel da mulher na sociedade. O autor debateu estes temas

⁵² *Idem, ibidem*, p. 161-4.

⁵³ *Idem, ibidem*, p. 491-3.

⁵⁴ VASCONCELLOS, Eliane. *op. cit.* p. 257.



sempre buscando suscitar questionamentos cujo objetivo seria alterar os rumos daquela sociedade. Coerente com seu ponto de vista sobre a mulher e propondo liberdade para a mesma no amor propõe reforma no casamento e a possibilidade do divórcio. Alerta ao público leitor para a injustiça do uxoricídio e o perigo da opinião pública sobre o crime. Defende a possibilidade da profissionalização do sexo feminino e, de forma coesa com suas convicções políticas, censura o feminismo burocrático e seus esquemas e conivência com um governo corrupto. Ataca o feminismo burguês, distanciado das mulheres pobres e cuja finalidade, para o escritor, era apenas a de alcançar cargos públicos. Não foi favorável ao voto feminino, pois sabia da precariedade e da violência do sistema eleitoral, e não acreditava que a via eleitoral pudesse alterar a situação da maior parte da população brasileira. A perspectiva de Lima não deve ser ignorada, nem seus comentários esquecidos, servem para uma análise crítica àquele movimento feminista do início do século XX.

Bibliografia

- BARBOSA, Francisco de Assis. *A vida de Lima Barreto*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.
- BARRETO, Afonso Henriques de Lima. *Histórias e sonhos*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008. (Contistas e cronistas)
- _____. *Toda crônica: Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. I.
- _____. *Toda crônica: Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Agir, 2004. v. II.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. *Um mulato no reino do Jambom: as classes sociais na obra de Lima Barreto*. São Paulo: Cortez, 1981.
- FANTINATI, Carlos Erivany. Lima Barreto e a mulher. *Literatura e autoritarismo*, n. 12, Julho-Dezembro 2008. Disponível em: <http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/num12/art_08.php>. Acesso em: 30 Junho 2010.
- ENGEL, Magali Gouveia. Gênero e política em Lima Barreto. *Cad. Pagu*, Campinas, n. 32, Junho 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332009000100012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 Junho 2010.
- MACHADO, Maria Cristina Teixeira. Mulheres. In: _____. *Lima Barreto: um pensador social na Primeira República*. Goiânia: Ed. da UFG; São Paulo: Edusp, 2002. p. 125-35.
- VASCONCELLOS, Eliane. *Entre a agulha e a caneta: a mulher na obra de Lima Barreto*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed., 1999.
- _____. Lima Barreto: misógino ou feminista? Uma leitura de suas crônicas. In: CANDIDO, Antonio e outros. *A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Ed. Unicamp; Rio de Janeiro: FCRB, 1992. p. 255-69.